

SWAMI VIVEKANANDA E VEDANTA

Por Swami Paratparananda¹

Editorial da revista *The Vedanta Kesari* – janeiro de 1963

A Índia tem sido a fonte perene de renascimento religioso por milênios. Esta fonte tem sido aumentada, reabastecida e reforçada de tempos em tempos por uma sucessão de sábios e santos através das eras. Esta corrente vivificante de religião nunca foi deixada secar durante seu curso sinuoso pelo deserto sombrio deste mundo. Seu curso pode ter sido obstruído, controlado ou seriamente prejudicado, mas nunca se perdeu; nessas ocasiões, ganhou impulso para fluir com maior vigor e alcançar terras distantes. Cada sábio era, por assim dizer, um afluente desaguando na correnteza principal, com a diferença de que cada um se originou e foi nutrido pela mesma fonte, a Eterna Religião (*Sanatana Dharma*). Cada um deixou mais um edifício, mais um refúgio para a humanidade chamuscada descansar seus membros em sua marcha para Deus.

Começando desde o período védico até o presente século, vemos as ondas de espiritualidade passando pelo país; cada uma guiando humanidade e a resgatá-la do naufrágio no dogmatismo e sofisma, na incredulidade e na irreligião, ao mesmo tempo atendendo de acordo com a necessidade específica da época. Quando este ponto baixo foi alcançado no século passado [século XIX], uma onda poderosa surgiu e na crista dela estava Sri Ramakrishna. Sua vida foi muito curta, mas intensamente espiritual. Após um longo período de extensa *sadhana* [práticas espirituais] e realizações, ele juntou ao seu redor alguns jovens enérgicos, escolhidos para serem seus portadores da mensagem e os uniu em uma irmandade antes de abandonar seu corpo mortal. Ele nomeou Narendranath, que mais tarde se tornou o mundialmente famoso Swami Vivekananda, para ser o líder da irmandade e ordenou-lhe que ministrasse às necessidades espirituais da humanidade, muito contra a inclinação do próprio Narendranath por uma vida tranquila e meditativa. Sri Ramakrishna o treinou especialmente para esse propósito.

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia.

Treinamento de Narendranath por Sri Ramakrishna em Vedanta

O poder de Sri Ramakrishna de ver através do passado, presente e futuro de um aspirante que viesse até ele e também suas visões a respeito de Narendranath, revelaram a ele quem era Naren e qual era a sua missão na terra. Ele verificou essas visões e conclusões na terceira visita de Naren a Dakshineswar. Sri Ramakrishna naquela ocasião o levou para o jardim adjacente de Jadu Mallik e durante a conversa entrou em um estado de êxtase. Neste estado o Mestre tocou Narendra. Narendra, apesar de seus melhores esforços para não ser afetado pelo toque, perdeu instantaneamente toda a consciência exterior, como na ocasião anterior. Sri Ramakrishna fez-lhe várias perguntas quando Naren estava naquela condição e soube de muitas coisas que confirmaram suas visões e descobertas sobre seus antecedentes. Daí em diante Sri Ramakrishna começou a treiná-lo no caminho do conhecimento do Advaita [não-dualismo]. Mas Narendra não se submeteria facilmente. Seu intelecto inquiridor e analítico não poderia aceitar nada como verdadeiro, a menos que ele mesmo o experimentasse ou que resistisse ao teste da razão. Então quando o Mestre lhe pediu – com o objetivo de familiarizá-lo – que lesse em voz alta algumas passagens de tratados de Advaita como o *Ashtavakra Samhita*, ele se revoltou dizendo: ‘É uma blasfêmia, pois não há diferença entre tal filosofia e o ateísmo. Não há maior pecado no mundo do que me considerar idêntico ao Criador. . . Os sábios que escreveram essas coisas devem ter sido insanos.’ Sri Ramakrishna se divertiu com o comentário franco de seu discípulo. Ele argumentou com ele que ninguém poderia colocar uma limitação em Deus, que deveria ser tal e tal e não qualquer outra coisa, mas sem adiantar. Narendra continuou a criticar tais ideias por mais algum tempo. Um dia, Sri Ramakrishna, tendo falhado em convencer seu discípulo por meio de argumentos sobre a verdade das realizações do Advaita, tocou-o em um estado de êxtase. Houve uma mudança imediata na visão do discípulo. Ele viu com os olhos abertos que não havia mais nada no universo, exceto Deus. Ele manteve essa experiência para si mesmo para ver quanto tempo duraria. Quando ele foi para casa e sentou-se para comer, viu que o prato, a comida, quem servia, tudo era Deus; nas ruas a carruagem, o cavalo e ele mesmo, descobriu que todos eram feitos do mesmo material. Esta experiência continuou por alguns dias e com isso veio-lhe a convicção sobre as verdades da Filosofia Advaita, que nenhum argumento poderia ter sido capaz de trazer. Esse era o modo de ensinar de Sri Ramakrishna.

Sri Ramakrishna teve, no entanto, o cuidado de ampliar o conhecimento do discípulo em relação a outras crenças e caminhos. Mesmo o caminho considerado mais indecente e vulgar, disse Sri Ramakrishna, seria um caminho **se houvesse um verdadeiro e intenso anseio por Deus**. Um dia, enquanto Narendra condenava

certas práticas de algumas seitas, Sri Ramakrishna disse-lhe gentilmente: ‘Meu filho, uma mansão tem muitas entradas. Algumas delas, sem dúvida, são sujas como a entrada dos catadores de lixo em uma casa. É realmente desejável entrar na casa pela porta da frente.’ Naren nunca mais foi visto condenando qualquer seita. Através destes métodos gentis, Sri Ramakrishna ajudou a eliminar a intolerância e o puritanismo da mente do discípulo.

Nunca foi procedimento de Sri Ramakrishna forçar suas próprias opiniões sobre os discípulos. Ele permitiu que crescessem naturalmente, ajudando-os em seu próprio caminho. Certa vez, Naren sentiu dificuldade em ir além da ideia do corpo e procurou o Mestre para obter o remédio. Como o Mestre ajudou Naren a superar esse impedimento aprenderemos com o próprio Narendranath: ‘Em outra ocasião senti grande dificuldade em esquecer totalmente meu corpo durante a meditação e concentrar a mente totalmente no ideal. Eu fui a ele em busca de conselho, e ele me deu as mesmas instruções que tinha recebido de Totapuri enquanto praticava Samadhi na época de sua *Sadhana* Vedântica. Ele pressionou firmemente entre minhas duas sobrancelhas com a unha de seu dedo e disse: “Agora concentre sua mente nesta sensação dolorosa!” Como resultado, descobri que poderia me concentrar facilmente naquela sensação pelo tempo que quisesse, e durante esse período perdi completamente a consciência das outras partes do meu corpo, para não falar das causas de qualquer distração no caminho da minha meditação.’

Narendra, com seu intelecto aguçado, pesava as palavras do Mestre de maneira equilibrada, por assim dizer, as criticava e as testava antes de aceitá-las. Ao mesmo tempo, ele poderia se aprofundar em seu significado. Vamos narrar um só exemplo que tem uma relação pertinente com o nosso tema. Um dia Sri Ramakrishna estava discutindo os princípios dos Vaishnavas. Ele os dizia para seus devotos: gosto pelo nome de Deus, compaixão por todas as criaturas vivas e serviço aos devotos de Deus. Ele relatava longamente qual era o significado do primeiro princípio, mas vindo a falar sobre compaixão, ele entrou em Samadhi [êxtase espiritual]. Voltando a um estado semiconsciente disse a si mesmo: ‘Compaixão pelas criaturas! Compaixão pelas criaturas! Seu tolo. Um verme insignificante rastejando na terra, você vai mostrar compaixão pelos outros! Quem és tu para mostrar compaixão? Não, isso não pode ser. Não é compaixão pelos outros, mas sim serviço ao homem, reconhecendo-o como a verdadeira manifestação de Deus.’

Saindo da sala, Naren disse aos seus jovens amigos: ‘Eu descobri uma luz estranha naquelas maravilhosas palavras do Mestre. Como lindamente ele conciliou o ideal de Bhakti com o conhecimento da Vedanta, geralmente interpretado como duro, austero e hostil aos sentimentos e emoções humanas! Que síntese grandiosa, natural e doce!’ Durante longo tempo ele explicou o significado daquelas palavras e ao final disse: ‘Se for a vontade de Deus, logo chegará o dia em que proclamarei esta

grande verdade diante do mundo inteiro. Eu farei disso propriedade de todos'. Assim o Mestre preparou seu discípulo para a propagação da Vedanta.

Contato com as massas da Índia

Por algum tempo, depois do falecimento do Mestre, externamente parecia como se tudo tivesse acabado, mas a semente da renúncia mantida pelo Mestre e o anseio pela realização de Deus, que ele havia gerado nos jovens corações, eram duradouros demais para se perderem facilmente no labirinto do mundo. Um mosteiro logo surgiu, embora em uma casa em ruínas, em Baranagore com a gentil generosidade de Surendranath Mitra, um ardente devoto do Mestre. Os jovens ali reunidos mergulharam em práticas espirituais e estudos das escrituras. Dias e meses se passaram desta forma. O fogo de *vairagya* [renúncia], aceso pelo Mestre continuou queimando de forma constante e inabalável, e Narendranath desempenhou um grande papel neste processo. Ele os engajava em conversas sobre os dias que passaram com o Mestre, reavivando suas memórias com a alegria extática daqueles dias e incentivando-os em suas práticas espirituais, embora ele próprio estivesse passando por um tornado de dificuldades em sua própria casa. Quando ele já tinha resolvido os assuntos da família em casa e colocado o mosteiro em uma forma firme, o desejo de vagar sozinho, dependendo apenas de Deus, surgiu nele.

Durante suas peregrinações ele entrou em contato com a Índia real; a Índia das aldeias, do povo puro, simples, inocente, trabalhador, mas rastejando na pobreza, vivendo na sujeira e na miséria, suportando sua difícil situação com uma paciência que estava além da imaginação. Esta imagem nua de dificuldades e analfabetismo doeu-lhe profundamente e mexeu com as profundezas do seu ser. Uma firme determinação em fazer algo para aliviar sua miséria o levou de lugar em lugar. Tendo falhado em despertar a simpatia dos ricos do país em sua causa, ele pensou em procurá-la em outro lugar. Só neste momento ouviu falar do Parlamento das Religiões que estava sendo convocado em Chicago e pensou que era o melhor meio através do qual ele poderia abordar e despertar o interesse do povo da América nas massas da Índia. Com a ajuda de alguns amigos, viajou para a América.

O Parlamento das Religiões e após

O que aconteceu no Parlamento das Religiões é um evento bem conhecido para todos e não precisa de repetição aqui. É suficiente dizer que, seja qual fosse o motivo dos convocadores do Parlamento, ficou sem dúvida estabelecido que o Hinduísmo não era em nenhum aspecto inferior a qualquer outra religião; em vez

disso, descobriu-se que foi a única religião que desde os primeiros tempos mostrou tolerância e aceitação de outras religiões.

E isso não numa atitude paternalista, mas como um verdadeiro reconhecimento dos diferentes caminhos para Deus. Quem então era mais competente para representar o Hinduísmo do que Swami Vivekananda, o discípulo de uma pessoa que foi, por assim dizer, um Parlamento das Religiões em sessão, ou seja, Sri Ramakrishna? Não, Sri Ramakrishna era uma mistura harmoniosa de todas elas. Não foi Swami Vivekananda treinado pelo Mestre para considerar todas as religiões como caminhos para Deus? Em Sri Ramakrishna ele não viu nenhuma nota de discórdia. Todo tipo de aspirante vinha [até Sri Ramakrishna], discutia sua religião, suas dificuldades, era esclarecido e partia com a visão ampliada. O discípulo escolhido do Mestre, Swami Vivekananda estava, portanto, preeminentemente preparado para aparecer e falar naquela augusta assembleia em nome da “mãe de todas as religiões”. E recebeu a aclamação e admiração daquela reunião culta quando falou a eles. Da noite para o dia ele ficou famoso. Swami Vivekananda tornou-se, para citar um de seus artigos, uma celebridade.

Depois do Parlamento das Religiões, ele viajou pelos Estados da América de uma ponta a outra, espalhando a mensagem da Vedanta, esclarecendo o povo sobre os costumes, as maneiras de ser e a religião dos Hindus, uma raça caluniada sem uma justa causa. Uma raça cujas únicas falhas, se houver, era de não ser agressiva e intolerante; que nunca foi conquistar adeptos ou fazer proselitismo com a espada. Swami Vivekananda teve que lutar contra a propaganda infame dos seus adversários. Um coração menos puro e corajoso do que o de Swamiji teria transigido ou teria desmoronado diante de tais ataques. Swami Vivekananda permaneceu como uma rocha enquanto os caluniadores se batiam contra ela e eram esmagados. “A verdade triunfará”, foi a sua resposta calma e serena aos que queriam que ele se defendesse. E em pouco tempo a verdade triunfou. Foi assim que Swami Vivekananda sofreu pelo bem da Índia, do Hinduísmo e das massas.

Aplicação da Vedanta na prática

Agora veremos por que Swami Vivekananda, um monge que era, tomou sobre si mesmo o assim chamado, trabalho de regeneração social, um trabalho puramente para a sociedade lidar. Houve dois motivos. Em primeiro lugar, a sociedade estava em coma e moribunda. As pessoas educadas em inglês da sociedade estavam voltando-se para o Ocidente em busca de esclarecimento e imitando-os em seus costumes e fantasias. Eles haviam perdido a fé em tudo o que era nativo. O que restou de tal sociedade foram algumas superstições rurais e regras rígidas sobre castas. Poderia esperar-se algum bem desta sociedade? Os pobres e oprimidos

seriam deixados à mercê em tal sociedade sem simpatia? O Mestre não lhes ordenou que servissem ao homem como verdadeira manifestação de Deus? E quando tantos deuses foram pisoteados sob os calcanhares da autocracia e pelas rodas da pobreza, ele ficaria quieto? Como então ele seria fiel aos ensinamentos de Sri Ramakrishna? O que até o Vedanta ensina? Os Upanisads não declaram: 'Na verdade, tudo isto é Brahman'², 'Tu és aquele'³? Essas verdades mais elevadas da Vedanta deveriam então permanecer apenas em livros ou como assuntos para discussões intelectuais? Swamiji nunca acreditou em declarações sofisticadas como: isto é filosofia e isso é prática. Para ele a religião era uma ciência prática. Era sua firme fé de que as verdades da Vedanta poderiam ser vividas e deveriam ser vividas. Pois ele tinha visto alguém, Sri Ramakrishna, que era a personificação da filosofia Vedanta. Iluminado, portanto, pela interpretação da Vedanta pelo Mestre e incentivado pelo seu nobre coração, Swami Vivekananda se esforçou para mitigar a miséria dos pobres. Para as mentes ainda duvidosas, lembraremos o protesto de Sri Ramakrishna ao jovem Naren por acalentar a ideia de trabalhar apenas pela salvação individual. O Mestre não expressou o que esperava dele, de forma clara e inequívoca, quando disse: 'Espero que você seja como a figueira sob a qual os viajantes cansados possam descansar'? Que testemunho adicional além deste é necessário para mostrar que foi a vontade do próprio Sri Ramakrishna que trabalhava através do Swami?

Mais uma vez, a elevação das massas pode ser um trabalho social aos olhos daqueles cujas visões são limitadas pela mera ideia corporal, que veem o homem apenas como uma espécie superior de animal, um feixe de carne. Mas para ele, eles eram divindades na terra. Vejamos o que Swami Vivekananda diz sobre serviço aos pobres e aos sofredores: 'Os pobres e os que sofrem vêm para nossa salvação para que possamos servir ao Senhor que aparece na forma do doente, que assume a forma de lunático, leproso e pecador.' Além disso, houve a ordem do Mestre para pregar a religião. Para quem ele iria pregar [religião]? Para os milhões de famintos? Não poderia haver zombaria mais vil do que essa e ele sabia disso muito bem. Então ele disse: 'Que os famintos tenham comida'. Quem poderia imaginar a angústia daquele coração que sangrava pelos pobres do país? Ele queria tornar a Vedanta mais prática. 'Se você acredita em algo e não tenta praticá-lo', disse ele, 'ora, isso é hipocrisia, é pior que o ateísmo. Pelo menos o ateu é honesto.' Swami Vivekananda foi, portanto, levado a assumir a regeneração das massas não por razões humanitárias, como alguns gostam de interpretá-lo, mas como uma adoração do divino, do espírito interior, da essência de todos os seres.

² Chandogya Up., III.14.1.

³ Ibid., VI.8.7.

Vedanta Ratificada

Acredita-se comumente que para a prática da Vedanta é preciso despojar-se de todos os ternos sentimentos e emoções do coração. Não sabemos o que levou a esta ideia peculiar, mas é perfeitamente contrária ao que foi registrado na história. Tomemos por exemplo a vida de Sri Sankara, o modelo da filosofia Vedanta no passado. Se este fosse o ideal, por que ele não se limitou à sua própria salvação? O que o fez vagar a pé de uma ponta a outra do país? Que trabalho ele tinha que realizar? É preciso admitir que não houve outra causa para ele fazer isso, exceto para o estabelecimento da religião, um modo de vida que poderia dar a liberação final. Que compaixão maior pode existir do que sentir pela liberação dos ignorantes? A impressão, de que se deve ser insensível, parece, portanto, basear-se em motivos insuficientes. Qualquer que tenha sido a sua origem e qualquer que tenha sido a sua necessidade no passado, se houve alguma - sobre a qual temos sérias dúvidas - na era atual esta opinião perdeu o seu direito de existir. Swami Vivekananda foi o primeiro, nos últimos tempos, a ratificar a Vedanta desta má fama.

Vejamos por nós mesmos se esta afirmação - a Vedanta nos ensina a sermos solidários - está em desacordo com as escrituras: Qual é o objetivo final da Vedanta? Realizar o próprio Ser que é Brahman⁴, Brahman que é a única Verdade. 'Este Universo é apenas Brahman'⁵, é "O Uno sem um segundo [uma segunda coisa]','⁶, declaram nossos Upanisads. Vedanta então ensina a Unidade da Realidade. Também diz: 'Perceba através da mente que não há muitas coisas, quem vê muitas coisas vai da morte a morte.'⁷ Tomemos novamente a famosa passagem do *Svetasvatara Upanisad*, 'Tu és a mulher, tu és o homem, tu és o menino, tu és a menina, Tu és o velho cambaleando com a bengala, Tu és aquele que se manifesta em tantas formas.'⁸ Que religião expressa a divindade de todos os seres em termos tão claros? Vedanta, portanto, não nos ensina a sermos frios como pedras.

Esta Unidade, que ela ensina, por si só contribui para o amor; a menos que se reconheça, pelo menos intelectualmente no início, a Unidade de todas criaturas, é impossível praticar a Vedanta. E para alcançar esse amor, somente nossos sentimentos, o nosso coração, podem nos ajudar. Falando sobre a Vedanta prática, Swamiji enfatiza: 'É através do coração que o Senhor é visto e não através do intelecto. O intelecto é apenas o limpador de ruas, limpando o caminho para nós, um trabalhador secundário, um policial, mas o policial não é uma necessidade

⁴ Brihadaranyaka Up., II.5.19.

⁵ Mundaka Up., 2.2.12.

⁶ Chandogya Up., VI.2.1.

⁷ Katha Up., 4.11.

⁸ 4.3.

positiva para o funcionamento da sociedade. Ele existe apenas para parar distúrbios, para verificar ações erradas e esse é todo o trabalho exigido do intelecto. . . É o sentimento que funciona, que se move com velocidade infinitamente superior à da eletricidade ou de qualquer outra coisa. Você sente? Se vocês sentirem, vocês verão o Senhor. . . É o sentimento que é a vida, a força, a vitalidade, sem a qual nenhuma atividade intelectual pode atingir a Deus.’ Novamente ele diz: ‘O intelecto é como membros sem capacidade de locomoção. É apenas quando o sentimento entra e lhes dá movimento é que eles se movem e trabalham em outros.’ Swamiji, portanto, aqui reafirma o ponto de vista da Vedanta, apenas de forma mais eficaz, pois ele tinha acesso direto a tais realizações.

Vedanta, base de toda Ética

Outra acusação levantada contra o Hinduísmo em geral por alguns escritores ocidentais é “que é completamente impossível encontrar qualquer real ou vital princípio de ética”, na literatura védica. Isso não é um fato, porque a literatura védica, da qual não podemos excluir os Upanisads, está repleta com textos que enunciam os princípios éticos, a partir dos quais apenas, Manu e outros sábios divulgaram seus códigos legais. Isto, os escritores convenientemente ignoraram e divulgaram declarações tendenciosas e presunçosas. Se, por outro lado, esta afirmação tivesse alguma verdade, como explicar o surgimento de tantos santos e sábios no país? A verdade pode surgir da falsidade? Pode o pecado gerar santidade?

Se existe alguma base segura para a ética, é apenas na Vedanta que ensina a Unidade de toda a vida, de toda a existência. Vamos ver o que Swami Vivekananda diz sobre o assunto: ‘O Ocidente racional está seriamente inclinado a procurar a racionalidade, a *raison d’être*, [razão de ser] de toda a sua filosofia e ética e todos vocês sabem bem que a ética não pode ser derivada da mera sanção de qualquer personagem, por maior e mais divino que ele possa ter sido. Tal explicação da autoridade da ética não apela mais ao mais alto dos pensadores do mundo; eles querem algo mais do que a sanção humana para que os códigos éticos e morais sejam irrevocáveis, eles querem que alguns princípios eternos da verdade como a sanção da ética. E onde é que aquela sanção eterna pode ser encontrada exceto na única Realidade Infinita, que existe em você e em mim e em todos, no Ser, na Alma? A unidade infinita da Alma é a sanção eterna de toda moralidade, que você e eu não somos apenas irmãos, mas que você e eu somos realmente Um. Esta é a prescrição da Filosofia indiana. Esta unidade é a razão de toda ética e de toda espiritualidade.’ Repetidamente ele trouxe esse fato ao conhecimento de sua audiência. Em certa ocasião ele disse: ‘Por que é que todos dizem: “Faça o bem aos outros”? Onde está a explicação? Por que é que todos os grandes homens pregaram a irmandade da

humanidade, e os homens ainda maiores, a irmandade de todas as vidas? Porque, quer estivessem conscientes disso ou não, por trás de tudo isso, através de todas as suas superstições irracionais e pessoais, estava se manifestando a luz eterna do Ser, negando toda a multiplicidade e afirmando que todo o universo é apenas Um.' Portanto, a causa do Hinduísmo e da Vedanta a este respeito permanece justificada como qualquer um pode ver.

Todas estas verdades, no entanto, foram distorcidas e apresentadas ao Ocidente por segmentos que queriam promover a sua própria causa na Índia. Daí foi requerido que uma imagem verdadeira da religião indiana fosse apresentada não em meras imagens de palavras, mas na vida. Swami Vivekananda por sua vida imaculada, realizações maravilhosas e grande insight [percepção profunda de uma verdade] cumpriu o propósito. Foi a partir daquele dia em que as ideias estranhas que o Ocidente acalentava sobre a Índia começaram a desaparecer e a Vedanta alcançou um círculo mais amplo. A Índia, e por isso o mundo inteiro, permanece eternamente grata ao Swami.

